

.: Editorial

A sétima edição do Boletim Conect-a recolhe diferentes produções que se *conectam* em torno de uma aposta do contemporâneo. Afinal, não podemos avançar em temas como evaporação do pai, feminização do mundo e novas parcerias, sem manter os alicerces da psicanálise bem sedimentados. É preciso retornar a Freud e a Lacan, *encore!* E sempre relançar essa aposta, para que o desejo pela psicanálise, e sua transmissão, se mantenha vivo e pulsante!

Em Aguilhões, Felipe Bier discute a hipótese da evaporação do pai e feminização do mundo terem relação com a incidência do discurso capitalista em nosso tempo. Descreve o que os grupos identitários podem responder desta questão pela lógica do Um-sozinho. Traz também, o discurso psicanalítico como uma solução subversiva para este “deserto de faltas” do contemporâneo.

Carolline Rangel se debruça sobre a devastação, trazendo orientações para a clínica em relação aos parceiros-devastação, quando aponta que a dificuldade na vida amorosa desses sujeitos teria origem na relação com a mãe. Desenvolve duas faces da devastação: uma fálica, e outra, não-toda fálica, ligada ao arrebatamento. Interessante como as novas parcerias, a saber, os “amores loucos” e a devastação, apontam para o ilimitado do gozo.

Emmanuel Mello, quem coordena o curso de Retorno a Freud em Ribeirão Preto, traz um texto que é um “extrato” de sua apresentação no evento de fechamento do primeiro semestre das atividades de Ensino e Pesquisa do CLIN-a da mesma cidade. Retoma Freud, justamente, pela lente de Lacan, passando por conceitos fundamentais como pulsão, gozo e sintoma, e chegando nos efeitos de uma análise. “Assim, numa análise o que se visa é fazer deixar algo cair”.

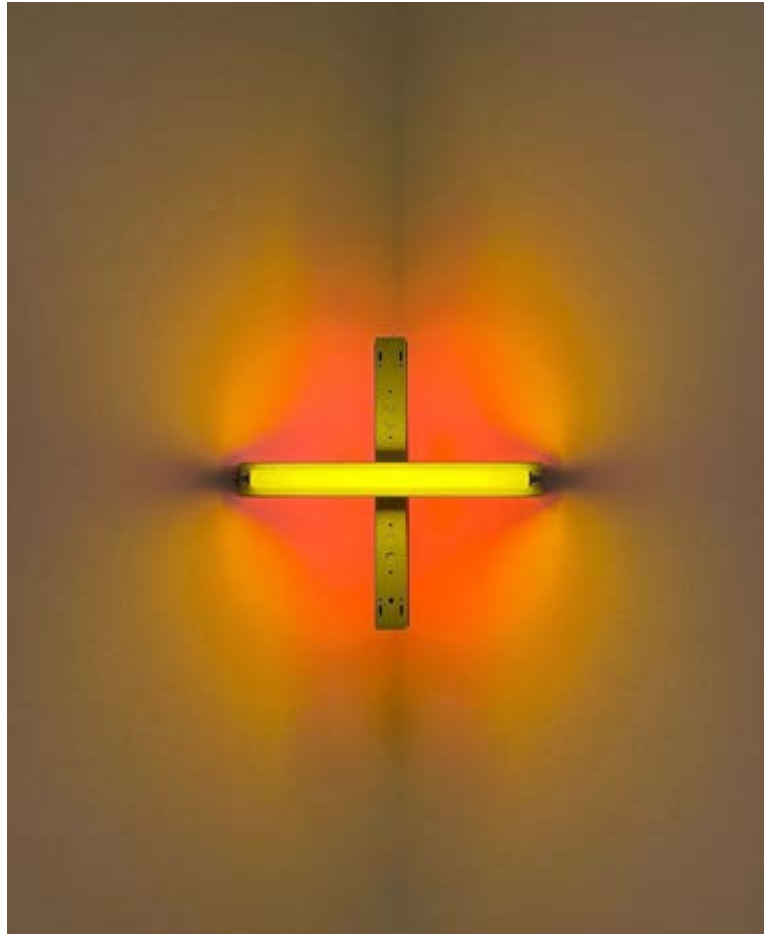


Imagem: Instagram @themuseumofmodernart

Em Pílulas do instituto, dois textos que trazem novidades! Por que retornar a Freud? Renata, Éliida e Maria Veridiana, coordenadoras do curso de Retorno a Freud em São Paulo, destacam a importância de “retornar a bússola, calibrar as diretrizes iniciais no caminho da psicanálise, um caminho que nunca se completa”, caminho este que foi animado pela descoberta do inconsciente! Para tal, escolhem trabalhar em seu curso *A interpretação dos sonhos*. E nos relembram a icônica frase de Lacan: “sejam lacanianos se vocês quiserem; eu, eu serei freudiano.”

Vem aí, Cineclube Lacan! Renata Perche e Eduardo Marchesan dão notícias desta atividade que se inaugura, com o objetivo de promover um diálogo entre cinema, psicanálise e atualidade, ao mesmo tempo que propicia à psicanálise circular “para além dos muros do instituto”. Trata-se de uma parceria entre o CLIN-a e o cinema Reag Belas Artes, que ofertará um ciclo de sessões-debate com bate-papo informal, “sem colocar personagens ou diretores no divã”. Uma sessão sem divã, mas marcada pelo desejo pela psicanálise e transferência de trabalho.

No Radar, duas instigantes sugestões que tocam o vivo dos corpos! Eduardo Vallejos conta da adaptação de Grande Sertão Veredas para o audiovisual. Um filme que não prioriza cenários, mas sim, os corpos e suas interpretações! Andressa narra sua experiência, “surpreendente”, em um espetáculo imersivo de diferentes narrativas: *AO VIVO (dentro da cabeça de alguém)*, encenado por Renata Sorrah e grande elenco.

Por fim, a Biblioteca apresenta suas quatro novas aquisições.

Boa leitura!

Fernanda Cristina Gomes de Carvalho

:: AGUILHÕES

Evaporação e feminização: uma Leitura do contemporâneo

Este trabalho é produto do núcleo de pesquisa “Prática lacaniana nos novos tempos e sua transmissão”, segue portanto o fio de suas discussões. Neste texto, tratarei da possível relação entre a evaporação do pai e feminização do mundo, levantando hipóteses da incidência do discurso capitalista neste processo.

O tema da feminização do mundo emerge no campo de reflexões sobre o contemporâneo, que, na psicanálise lacaniana, é marcado pela constatação do declínio da função paterna. O laço fundado sobre o pai era aquele fundado sobre o mito do assassinato do pai da horda primitiva. Na estrutura neurótica, o mito que sustenta o pai institui assim uma distância, metragem necessária para condensação de sentido e contabilização do gozo. Mas, também, e quiçá principalmente, o mito guarda o obscuro do parricídio para além de um véu.

O que se dá quando esta distância diminui, e é comprimida de tal modo que o laço pela via da castração perde seu lugar na forma social?

A resposta a esta questão é o que se busca trabalhar no núcleo de pesquisa, acompanhando as discussões sobre o tema no Campo Freudiano. É justo começar pelo ponto em que Lacan vaticinou a morte do pai, localizando na “cicatriz da evaporação do pai”¹ um traço de nossa época: como afirma Fabián Fajnwaks “A evaporação do pai produz o fato da feminização do mundo, sob a forma de generalização das exceções, à maneira da exceção feminina, uma a uma, onde cada ser falante pode encarnar essa exceção”². Haveria, assim, nos identitarismos,



1 LACAN, Jacques. “Nota sobre o pai” In **Opção Lacaniana** n 71. São Paulo: Eolia, 2015, p.7.

2 FAJNWAKS, Fabián. “Mil sexualidades” In **Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos**. Belo Horizonte: Scriptum, 2023, p.63-64.

um a um, uma forma de contenção que não passa pela exceção paterna? Sobre o tema, afirma Marie-Hélène Brousse:

[trata-se] fundamentalmente [de] uma autonomação pela qual o sujeito espera fazer-se um corpo. Ao menos, um corpo de discurso. [...] será que, na época da não relação, podemos passar do corpo de uma mulher como sintoma do Nome-do-Pai ao corpo feminizado como sintoma do *há Um*?³

Ao prescindirem da exceção fálica, os sujeitos refletiriam, no próprio jogo de consistência/inconsistência identitária a pulsação de um gozar sem laço, ou a nomeação de uma existência performada reiteradamente. A feminização emerge como forma de gambiarra que não passa pela fratria da castração, mas pela nomeação que visa grampear o gozo. É assim possível falar de uma passagem da lógica do véu a uma outra lógica, que chamaremos aqui de lógica do torniquete: se o véu vela o furo, o torniquete visa mitigar o jorro de gozo que não cessa. Sobre este ponto, retomamos Fajnwaks:

Constatamos que o Outro simbólico já não funciona como lugar de inscrição do sujeito, e é mais à sua relação com o gozo que é enviado quanto a sua identidade. Duas tendências se cruzam aqui: por um lado, a queda do Ideal que abrigava o gozo para todos, e por outro, a ascensão ao zênite do objeto a , o que deixa cada sujeito desamparado em sua identificação com seu gozo singular.⁴

Aqui, podemos postular uma aliança entre *feminização* e *capitalismo*. Se as nomeações identitárias são torniquetes, é porque separam, no próprio tecido do objeto, o sujeito do furo do Outro. Esta saturação do sujeito no objeto, como forma de mínima separação da angústia, obsta, contudo, a via do desejo. O filósofo Giorgio Agamben toca precisamente neste ponto:

E como, na mercadoria, a separação faz parte da própria forma do objeto, que se distingue em valor de uso e valor de troca e se transforma em fetiche inapreensível, assim agora tudo o que é feito, produzido e vivido — também o corpo humano, também a sexualidade, também a linguagem — acaba sendo dividido por si mesmo e deslocado para uma esfera separada que já não define nenhuma divisão substancial e na qual todo uso se torna duravelmente impossível.⁵

3 BROUSSE, Marie-Hélène. **Mulheres e discursos**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2019, p.34.

4 FAJNWAKS, Fabián. “Mil sexualidades” In **Despatologizar o sujeito trans e outros ensaios lacanianos**. Belo Horizonte: Scriptum, 2023, p. 71.

5 AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007, p.64.

Uma hipótese que merece ser percorrida é: o discurso capitalista, para criar mercados, não atacaria precisamente os enclaves da exceção na cultura, com isso erodindo o lugar do Outro como lócus do saber tradicional, ao mesmo tempo em que ofereceria os objetos que fazem as vezes de laço, separando minimamente o sujeito do furo no Outro? Não seria este o próprio circuito pulsional da acumulação capitalista? Com efeito, o sujeito recorreria à nomeação *ex nihilo* como uma forma de bricolagem, uma maneira de fazer com um gozo sem necessariamente saber dele, sem passar pelo Outro.

O contemporâneo operaria então com uma separação entre o *savoir* e o *faire*, o que denotaria o deslizamento do simbólico após a evaporação do pai. Saber fazer com um gozo é, como aponta Lacan, trazê-lo para a esfera da responsabilidade desejante⁶. No momento da evaporação do pai, o contemporâneo obriga-nos a repensar nossas mitologias: com a pulverização do que velava o pai morto, não estaríamos vendo seu reaparecimento enquanto pais míticos em carne e osso? Tais seres de exceção que, ao prescindirem do laço, oferecem-nos seus discursos como objetos dos quais podemos gozar, conduzindo-nos ao pior. Neste deserto de faltas, a causalção sugerida pelo discurso analítico não assume senão um caráter subversivo.

Felipe Bier

6 Cf. LACAN, Jacques. **O seminário, livro 23: o sinthoma, 1975-1976**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007, p.59.

Devastação no contemporâneo

“Estamos todos em busca disso que escapa. Cada ser falante é confrontado com essa ausência de relação sexual através do esforço que empenha para conjurá-lo. Falar, justamente, é buscar refazer o laço que não existe, tentar fazer ouvir uma relação, uma rima, uma pequena música ali onde encontramos a fugacidade insustentável de nosso ser, ali onde falta aquilo que poderia nos revelar o coração de nossa identidade.”

Clotilde Leguil¹

Feminino e devastação foram significantes que orientaram esta pesquisa, apresentada na Jornada de Ensino do Clin-a em São Paulo, em Março de 2023. O tema se articulou à atualidade, quando se propôs à questão: *a clínica contemporânea recolhe manifestações da devastação, ainda?*

Cartografias de um estrago

Marie-Hélène Brousse aponta que, na devastação, os sujeitos apresentam dificuldades na vida amorosa.² Atualizada pelos chamados “parceiros-devastação”, esta dificuldade tem suas origens no campo da relação entre o sujeito e a mãe.

Freud³ já destacava a intensidade do amor da menina em relação à mãe, ligando esse amor intenso à posterior reivindicação da menina à figura materna por uma resposta sobre a identidade feminina – que não há – para marcar algumas condições para a devastação.

Posteriormente, Lacan menciona poucas vezes o termo, este aparece ligado à relação com a mãe e nas parcerias amorosas. Enlaça o desejo da mãe aos “estragos”⁴ e situa a mulher como sintoma para um



O encontro, 2017. Antonio Mendes

1 LEGUIL, C. As apaixonadas: viagem aos confins da feminilidade. Ed. Aller. 2023

2 BROUSSE, MH. Uma dificuldade na análise das mulheres. Latusa n.9. Rio de Janeiro, Outubro 2004.

3 FREUD, S. Sexualidade feminina. (1931). Amor, sexualidade, feminilidade. Ed. Autêntica, 2019.

4 LACAN, J. (1969-1970). O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 1992.

homem, enquanto este, para ela, poderia ser uma *devastação*⁵. Afirma que não há limites às concessões que uma mulher faz a um homem⁶, enfatizando assim um laço com o ilimitado. Essas mulheres, e alguns homens, experimentam a intensidade da demanda de amor que retorna ao próprio sujeito que, como aponta Miller⁷, faz do parceiro um parceiro-devastação.

Em suas contribuições, Brousse⁸ esclarece que a devastação se liga ao modo de emergência da linguagem em um sujeito, ou seja, se refere ao Outro primordial. Há, também, a perspectiva de uma satisfação direta da demanda da mãe, que dificultaria a troca e a perda. A ausência do significante da mulher também traz efeitos, uma vez que na relação com a mãe, aponta um sem limite.

Haveria, portanto, duas faces da devastação: uma face fálica ligada à reivindicação, articulada ao desejo da mãe; e uma face não-toda fálica, que se liga ao arrebatamento, que tem como efeito uma dificuldade em simbolizar o gozo feminino. A devastação indicaria um índice desse gozo não transmissível ou compartilhável. Este gozo estaria relacionado exclusivamente ao amor, difuso e sem limites⁹.

No abismo das palavras

“Caí num abismo”, “Me sentia em um buraco sem fim”, “Era como uma morte”. As tentativas de nomear o sofrimento na experiência amorosa aparecem ainda hoje nos consultórios. Muitas mulheres, e alguns homens, apontam fragmentos da experiência de um gozo estrangeiro que ressoa no corpo além das palavras. Tais experiências, em geral ligadas a momentos em que algo da parceria amorosa vacila, indicam um transbordamento do feminino além das palavras.

Na clínica, “amores loucos” apontam o infinito da demanda de amor e se manifestam ora pela tristeza e melancolia na perda do objeto, ora pela aceleração erotomaníaca na invasão do supereu, que traz vestígios de um gozo outro além da linguagem. Estas manifestações apontam o ilimitado do gozo e fixam o sujeito em uma posição que atualiza uma dificuldade ligada à operação de separação.

5 LACAN, J. (1975-1976). O seminário, livro 23: O Sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed. 2006.

6 LACAN, J. (2003) Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar

7 MILLER, J.-A. (1998). O osso de uma análise.

8 BROUSSE, MH. Uma dificuldade na análise das mulheres. *Latusa* n.9. Rio de Janeiro, Outubro 2004.

9 CAMPOS, S. Fragmento não-todo. Boletim Eletrônico do XIX Encontro Brasileiro do Campo Freudiano, no 1.

Estragos contemporâneos

Amores líquidos, livres ou múltiplos marcam os discursos das parcerias contemporâneas. Apesar das possibilidades inúmeras de se conjugar amor e sexo, a não-relação insiste em sulcar marcas singulares em cada sujeito, e o ineditismo nos formatos das parcerias não sutura a inexistência da relação sexual.

Para mulheres, e alguns homens, há dificuldades ainda na forma como experimentam as parcerias. As mulheres na atualidade experimentam as necessárias conquistas dos direitos de igualdade, mas verificam também as dificuldades no campo do amor.¹⁰

O amor é um semblante ao qual as mulheres recorrem para suprir a falta do significante feminino. Embora o contemporâneo conte com a oferta maciça de objetos e um discurso que tende a aniquilar algo do amor, mulheres chegam aos consultórios para falar de amor, ainda. Às voltas com as dificuldades entre amor e devastação, esses sujeitos podem se valer da análise como a possibilidade de invenção de um nome¹¹ e a vivificação da experiência de amor para além do ilimitado da devastação.

Carolline Rangel

10 GUIMARÃES, L. (2014). Gozos da mulher. Petrópolis: KBR

11 BROUSSE, MH. Uma dificuldade na análise das mulheres. Latusa n.9. Rio de Janeiro, Outubro 2004.

“Da voz do abismo e das coisas que caem”¹

Já no final dos anos 50, Lacan, aponta o descentramento da razão feito pelas noções de inconsciente e desejo na obra freudiana como um “abismo aberto ao pensamento” e a inauguração escandalosa de que um pensamento se fazia “ouvir no abismo”.²

A uma parte disso que se abre, Freud chamou de pulsão e a definiu como o que se insere entre o mental e o orgânico. Trata-se desse espaço, descontínuo, indeterminado, mas ao mesmo tempo determinante do modo de ser de cada um. Falha abismal entre o corpo e o ser, que parte de nossa cultura, nossa terapêutica e nossa indústria de saúde, insistem em querer excluir e tamponar. Essa insistência obedece a um ideal contemporâneo que eleva o objeto ao zênite e o transforma no bem-supremo capitalista, prometendo uma satisfação nos objetos e a salvação no consumo do bem-estar, mas que termina produzindo, de fato, apenas mais e mais frustração.

A psicanálise vai, desde seu início, numa outra via, aquela da responsabilização. A pergunta clássica de Freud “qual sua parte nesta queixa que você relata?”, coloca o sujeito como parte ativa no seu sofrimento, agente do sintoma do qual se queixa, posto que não repetimos ou ficamos paralisados diante de nada que não tenha uma função precisa e ligada a um desejo. E como nos ensinou Lacan, o desejo é a tentativa inconsciente de interpretar uma escritura de gozo sulcada num corpo, no percurso dos labirintos de uma existência.³ Essa interpretação nem

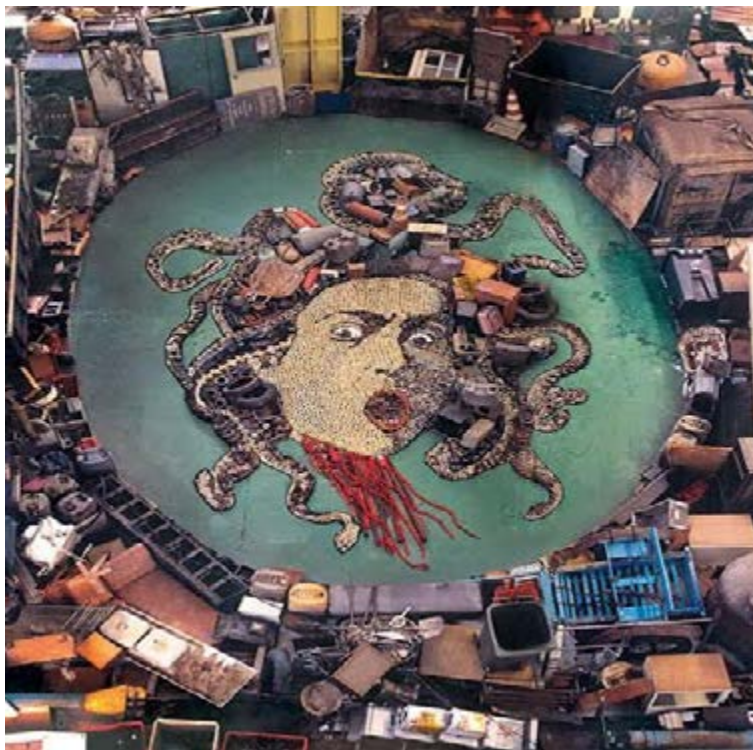


Imagem: Medusa, a partir de Caravaggio – Vik Muniz. Fonte: catálogo das artes

1 Extrato do texto apresentado no evento de fechamento do primeiro semestre das atividades de Ensino e Pesquisa do CLIN-a em Ribeirão Preto, “Ouvir a voz no abismo: a atualidade da invenção Freudiana”, dia 22/06/24.

2 LACAN, J. (1957), *A Instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud*, In, *Escritos*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar. 1998, pg. 527

3 LACAN, J., (1958-59) *O seminário, livro 6. O desejo e sua interpretação*. Editora: Zahar, Rio de Janeiro, 2016.

sempre leva ao melhor pois o gozo, isso que nos afeta como algo *infamiliar*, ao mesmo tempo íntimo e estranho, por vezes nos coloca dividido diante de um impasse, capturados por um ideal, um espelho, uma imagem, a que chamamos de eu - esse artifício de alcance curto que, parafraseando Drummond, pode até sustentar uma boa rima, mas nunca chega a ser uma solução⁴ contra o real.

Neste sentido também, muita coisa que nossa sociedade tenta descrever como disfunção orgânica, problema no desenvolvimento, ou força do hábito são, na verdade, espécies de trincheiras de resistência **narcísica** contra o real, e que denominamos sintoma.

É certo que o sintoma não é só defesa. Ele também é um compromisso, uma “solução de compromisso”, como definiu Freud. O pathos, do patológico, não é somente sofrimento, é também paixão. O sujeito ama seu sintoma, pois encontra nele uma satisfação paradoxal. Por isso, a experiência analítica, ainda que não despreze os efeitos terapêuticos, não visa a eliminação do sintoma mas o tratamento do modo de ser, que é na verdade um modo de gozo.

O analista segue a mesma lógica da recomendação de Clarice Lispector a sua irmã, quando afirma que “nunca se sabe qual o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”⁵. A depressão pode ter uma função no luto ou na culpa. A droga, pode ser uma regulação nas vozes de comando na psicose. A revolta e a agressividade, pode ser uma mensagem da criança em situação de abuso. Se, imprudentemente, nos dirigimos mais ao sintoma do que ao sujeito, podemos empurrá-lo em direção ao pior.

Cada um é um evento singular e não uma disfunção redutível a uma nosografia. Uma singularidade radical que Freud propunha fazer aparecer com sua regra fundamental, única ferramenta típica da psicanálise e que ele chamou de “associação livre” - deixar aparecer e não desprezar qualquer ideia que lhe venha à mente.

Freud se serviu do termo *Einfall*, traduzido insuficientemente por “ideia”, mas que literalmente significaria “o que cai no espírito, o que vem ao espírito”.⁶ São cacos, coisas que ocorrem ao sujeito no decorrer das sessões e que, mesmo que aparentemente desligadas do contexto, são os tijolos com os quais se constrói uma análise⁷. Assim, numa análise o que se visa é fazer deixar algo cair.

4 ANDRADE, C. D., *Poema das sete faces*, in, Poesia completa Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002

5 LISPECTOR, C., “Correspondências”, [organização Teresa Montero]. 1ª ed., – Rio de Janeiro: Rocco, 2015.

6 LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. Vocabulário de psicanálise. 2.ed. Santos: Martins Fontes, 1997, pg. 439)

7 FREUD, S. (1937), *Construções em análise*, in: *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Fundamentos da clínica psicanalítica*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017

J-A Miller, nos diz que, enquanto todo projeto da cultura que tentava organizar, otimizar o agir e a relação do sujeito no mundo, era orientado pela busca de um ideal, a descoberta freudiana consistiu, desde o seu início, em levar a sério o *Einfall*, esses “dejetos da vida psíquica, os dejetos do mental que são o sonho, o lapso, o ato-falho e mais além, o sintoma”.⁸ Com isso, a psicanálise, denuncia a errância do existir humano e a impossibilidade de padronização do modo de ser e de se satisfazer. Freud, ao introduzir o mal estar como elemento fundante da subjetividade e das relações humanas, e a pulsão de morte como uma inércia que não obedece ao dinamismo do princípio do prazer, estabeleceu um novo paradigma de compreensão do agir e do existir humano.

É o que enfatiza Lacan no seminário sobre «A ética da Psicanálise»⁹, ao defender que a clínica, apesar de também ser um tratamento do modo de ser no mundo, se orienta por uma via radicalmente diferente, posto que inclui neste trajeto, essa Coisa, esse algo de estranho que não se harmoniza com nenhum ideal. Neste mesmo seminário, Lacan enfatiza que o analista se diferencia do artista justamente por não se ocupar da tarefa de estetizar o dejetos.¹⁰ Ou seja, não se trata da harmonização do dejetos, mas da construção de um saber-fazer sobre aquilo que não encontra um lugar nem encaixe no Outro, aquilo que não faz relação posto que é pura diferença. O dejetos é, assim, um outro nome para o que Lacan nomeou de objeto a - um objeto inassimilável na operação imaginária do eu, insimbolizável pela linguagem.

De uma certa maneira, é também da ordem do dejetos esse pensamento que emana do abismo aberto na razão e do qual a psicanálise fez uma voz, um discurso. Ouvir essa voz do abismo não é ouvir o sentido escondido, ou explicar o sentido não compreendido, mas deixar dizer o mais singular, dar voz àquilo que se escreve no corpo e do qual somos efeitos e consequências. É fazer ressoar os dejetos, o que não é tão belo ou que não tem nome, a fim de construir um saber que permita um fazer melhor.

E o saber que interessa numa análise é um saber a ser construído, bordado, tecido, com o fio inédito e singular que cada um traz consigo. Por um lado, com o que emana do abismo e por outro, com o que cai.

Emmanuel Mello

8 MILLER, J-A., *A salvação pelos dejetos*, in, *Perspectivas dos escritos e outros escritos de Lacan: Entre desejo e gozo*, - RJ: Zahar, 2011. pg 227

9 LACAN, J., (1959-60), *O Seminário 7: A ética da psicanálise*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar,

10 *Idem*, pg 228



.: PÍLULAS

Por que retornar a Freud?

O Instituto, muitas vezes, funciona como a porta de entrada para aqueles que se interessam pela Psicanálise lacaniana. No texto publicado na Entrevários 18¹, Luiz Fernando Carrijo nos esclarece que o ensino tem como fator orientador, transmitir os conceitos que sustentam a prática clínica e seus avanços em relação ao que o Campo Freudiano e a civilização nos convocam como ponto de ancoragem. Assim, não há como deixar de abordar o ponto de partida da ancoragem de todo início da teoria psicanalítica: os preceitos freudianos. Aliás, Lacan nos alertou para isso em nossa experiência: com a formulação de Lacan² em Caracas (1964): “sejam lacanianos se vocês quiserem; eu, eu serei freudiano.”

Retornar a teoria freudiana, cujo cerne foi demonstrar a presença do inconsciente como motor de um aparelho psíquico e toda a sua consequência e desdobramentos da vida psíquica, possibilita ainda hoje tecer as novas configurações dos laços sociais, culturais, o progresso da ciência e da tecnologia desafiando a importância da invenção freudiana.



Joan Miró. Mulheres e pássaros ao luar, 1949.

1 CUNHA, L.F.C. Editorial. In: Entrevários – Revista do Centro Lacaniano de Investigação da Ansiedade (CLIN-a). São Paulo, n.18, nov. 2020, p.8

2 LACAN, J. Le Séminaire de Caracas (1980). In: Almanach de la dissolution. Paris: Navarin, 1986; pp. 81-87.

Sendo assim, por onde começarmos em Freud? Em Lacan³ (1972) que encontramos a resposta: *“O mundo do ser cheio de saber, é apenas um sonho, o sonho do corpo enquanto falante, pois não há sujeito conhecedor.”* Com isso, Lacan nos possibilita pensar que o inconsciente como via régia da vida do ser falante, nos faz sonhar acordados. Bingo! Não haveria melhor ponto de partida para retornarmos a Freud que não o livro da *“Interpretação dos Sonhos”* (1900).

Esse texto como ponto de partida, nos possibilita desde a compreensão do método freudiano de elaboração da teoria psicanalítica, passando pelo exaustivo levantamento de todas as questões orgânicas implicadas no psiquismo como: descrições neurológicas, senso perceptivas, de estímulos sinápticos para depois interrogar o que a anatomia não explica da vida psíquica, a saber, adentrar nas questões do inconsciente.

Essa foi postura inovadora em Freud para sua época de questionar sobre como o humano se serve do orgânico, mesmo que subverta suas funções, como o caso das paralisias nervosas, em prol dos afetos. Ou seja, a psicanálise é resultado de um grande esforço na demonstração do inconsciente como via régia do psiquismo. Freud demonstra o caráter atemporal do inconsciente, constitucional a todo ser que se insere no mundo, que se manifesta em cada singularidade por meio dos sonhos e demais formações do inconsciente.

Retornar a Freud é retornar a bússola, calibrar as diretrizes iniciais no caminho da psicanálise, um caminho que nunca se completa.

Escolhemos para esse curso, precisamente dois capítulos da *“A Interpretação dos Sonhos”* onde Freud pôde formular um aparelho psíquico, a existência do Inconsciente, e já ali o atravessamento da linguagem e sua ligação com o inconsciente.

O curso acontece às sextas-feiras, das 17:30 às 19:00, quinzenalmente e presencialmente.

Renata Duarte Hoexter

Elida Biasoli

M. Veridiana S. Paes de Barros

3 LACAN, J. O Seminário, livro 20: mais ainda (1972 – 1973). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

Cineclube Lacan - Psicanálise na Cidade

A apresentação do livro de 2011, "*Lacan Regarde le Cinéma, le Cinéma Regarde Lacan*", organizado por Jaques-Alain Miller, nos lembra que a relação entre a psicanálise e o cinema é, de certo modo, umbilical, remontando à própria origem de ambas as atividades, no final do século XIX. A oficialização desta união ocorreria no ano de 1926, com o lançamento do filme "Segredos de uma Alma", dirigido por Georg Wilhelm Pabst e roteirizado pelo psicanalista alemão Karl Abraham, que, apesar das reticências de Freud, encenava pela primeira vez sessões de psicanálise nas telas.



Foto: Renata Perche

O Cineclube Lacan nasce com o desejo de se inserir nessa tradição, colocando cinema e psicanálise em diálogo como meio para um debate de temas atuais. Nossa ideia é retomar a conexão entre arte e psicanálise no âmbito do instituto, recuperando uma atividade já antes realizada com a coordenação de Patricia Badari, mas, ao mesmo tempo, dar um passo em direção a um público mais geral. Para tanto, estabelecemos uma parceria com o cinema Reag Belas Artes motivada pela vontade de ocupar esse tradicional espaço cultural da cidade, abrindo a possibilidade de levar a psicanálise para além dos muros do instituto. Nossa intenção é juntar psicanalistas do Clin-a e pessoas que cultivam o hábito de ir ao cinema, mas que não necessariamente participam do debate psicanalítico.

Neste primeiro ciclo de sessões-debate, tivemos como base para a escolha dos filmes os quatro eixos temáticos do XXV Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. A ideia é extrair temas gerais a partir das narrativas para um bate-papo informal, sem colocar personagens ou diretores no divã (talvez um eco às reticências de Freud).

A primeira sessão do Cineclube Lacan, em que o filme "Brilho Eterno de uma Mente sem Lembranças" foi exibido, teve os ingressos esgotados. No entanto, mais do que uma sala cheia, o destaque da noite veio das falas brilhantes feitas pelos nossos convidados: Julián Fuks, escritor e crítico literário, e o psicanalista Luiz Fernando Carrijo da Cunha. Julián e Luiz Fernando abordaram um dos conceitos fundamentais da psicanálise, a repetição, a partir do modo como ele é encenado no filme, uma espécie de ficção científica, em que um jovem casal segue se reencontrando apesar de ter suas memórias de um relacionamento progresso apagadas - um procedimento neuronal que não elimina as marcas dos significantes naqueles corpos.

A próxima sessão do Cineclube acontecerá no dia 10 de outubro às 19h30 com o filme “Coringa: Delírio a Dois” (*Joker: Folie à Deux*), que estreia no início deste mês. Nossos debatedores serão o filósofo (e ávido leitor de quadrinhos) Daniel Nagase e o psicanalista Rômulo Ferreira da Silva. Adquira o ingresso pelo site: <https://www.cinebelasartes.com.br/programacao/cineclube-lacan-coringa-delirio-a-dois/>

Convidamos todos a participar dessa conversa que terá continuações nos meses de novembro e dezembro. Até lá!

Renata Perche

Eduardo C. Marchesan

:: RADAR

O DIABO NA RUA NO MEIO DO REDEMUNHO

Direção: Bia Lessa

Elenco: Caio Blat, Luísa Arraes, Luíza Lemmertz.

127 minutos - Brasil - 2023



Imagem: acervo Globo Filmes

Após o sucesso da montagem teatral de *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, a diretora Bia Lessa se lançou na empreitada de adaptar a obra prima para o cinema. Há quem diga que uma grande obra literária não permite adaptação ao audiovisual, mas como bem respondeu a Pedro Bial em seu programa, uma obra é sempre adaptável pois a intenção da arte é dialogar com o espectador, implica um querer se comunicar com o público. Sem dialogar, diz ela, “não tem graça”. Caio Blat diz com outras palavras: “você pegaram Guimarães e transformaram em arroz e feijão”.

O sertão e suas veredas estão presentes no filme de forma *sui generis*, uma vez que não conta com cenários, apenas alguns objetos em cena que dão apoio aos corpos dos atores que

encarnam a todo momento os espaços e personagens do sertão. A sincronia dos movimentos chama muito a atenção, que é rompida por cortes secos, permitindo a passagem quase instantânea dos personagens, de jagunço transforma-se em rio ou em sapo, por exemplo. O trabalho dos atores se destaca de forma excepcional, muito além da interpretação do texto.

Desconcertado pelos dilemas da travessia do sertão, das sucessivas mortes e das artimanhas do Diabo, Riobaldo e seu amor por Diadorim protagonizam o filme: “amor desse cresce primeiro, brota é depois”. O filme evidencia o drama de Riobaldo em relação ao sexo de Diadorim. É homem ou mulher? Uma perplexidade toma conta do jagunço.

Enfim, o filme é mais um convite para quem não conhece a obra, conhecê-la e para os que já são íntimos da escrita de Rosa, uma bela experiência audiovisual, que está longe de desvalorizar a genialidade do autor.

Eduardo Vallejos

AO VIVO [dentro da cabeça de alguém]

*“O pôr do sol vai renovar brilhar de novo o seu sorriso
E libertar da areia preta e do arco-íris
cor de sangue, cor de sangue, cor de sangue
O beijo meu vem com melado decorado cor de rosa
O sonho seu vem dos lugares mais distantes
Terras dos gigantes Super Homem, super mosca
Super Carioca, super eu, super eu”*
(Trecho de “Magrelinha” - Luiz Melodia)

O espetáculo gravita em torno de vivências, conflitos, devaneios, memórias e pensamentos de um(a) artista, com a proposta de dialogar com a obra/peça teatral “A Gaivota”, do dramaturgo russo Anton Tchekhov.

Sendo assim, pelo fato de portar uma referência ainda desconhecida para mim, fui aberta à possibilidade de ser surpreendida. E, diante da presença de um elenco que pulsa sintonia e diversidade, saí do teatro admirada e reflexiva com as performances!

O uso de diferentes narrativas que se entrecruzam entre repetição e rupturas, aliados a elementos musicais, produz uma verdadeira experiência tragicômica, na qual o espectador também é parte do espetáculo. Não à toa, me flagrei em um ato falho ao escrever aqui o título da peça: ao vivo – dentro da minha cabeça. Por isso, a decisão de incluir, como epígrafe, o trecho da música que segue ressoando para mim.

Sem muitos spoilers, é uma imersão artística que toca em questões contemporâneas fundamentais no âmago do seu roteiro. Renata Sorrah, enquanto carro-chefe do espetáculo (cuja presença no elenco tem destaque e lotado todas as sessões) atua como um pano de fundo na cena, quase como uma ponte entre os diferentes personagens, possibilitando borrar as fronteiras entre ficção/realidade, protagonista/coadjuvante, onde cada atuação se mostra impecável na transmissão do singular de cada artista.



Crédito da foto: Nana Moraes (imagem para divulgação da peça)

A performance de Rafael Bacelar, a meu ver, foi o auge! Um espetáculo à parte. Fui às lágrimas!
Eu diria, por fim, que se trata de um manifesto íntimo de resistência contra a espetacularização da barbárie, que maciçamente se impõe na contemporaneidade.

Em cartaz até 1º de dezembro/2024

Elenco: Renata Sorrah, Rodrigo Bolzan, Rafael Bacelar, Bárbara Arakaki, Bianca Manicongo

Onde: Teatro do SESI-SP – Avenida Paulista, 1313

Ingressos gratuitos liberados para reserva toda segunda-feira, a partir das 8h, no site

<https://www.sesisp.org.br/eventos>

*Caso não consiga reservar o ingresso, sugiro comparecer no teatro com 1h30 de antecedência.

Andressa Luz

.: BIBLIOTECA

NOVAS AQUISIÇÕES:



O grafo do desejo

Autor: Alfredo
Eidelsztein

Edição Português
Toro editora



La solución trans

Autor: Jacques-Alain
Miller

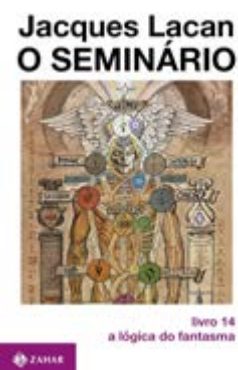
Edição Espanhol Paidós



Los cuatro de Lacan 1,2,3,4 Tomo II

Autor: Jacques-Alain
Miller

Edição Espanhol Paidós



O Seminário livro 14 - A lógica do fantasma

Autor: Jacques Lacan

Edição Português
Zahar editora

,: AGENDA

CURSOS

CURSO: PERCURSO DE UMA ANÁLISE

- Terças-feiras das 20h30 às 22h30
- 1: TRANSFERÊNCIA, TEMPO DA ANÁLISE
- 01/10, 15/10, 29/10 e 12/11
- 2: O OBJETO NA EXPERIÊNCIA ANALÍTICA: PASSAGEM AO ATO E ACTING OUT
- 08/10, 22/10, 05/11 e 19/11

CURSO: ELUCIDAÇÃO DA CLÍNICA

- Horário: Quintas-feiras das 20h30 às 22h30
- 1: AS DIMENSÕES DO TRAUMA
- 26/09, 10/10, 24/10 e 14/11
- 2: CORPO E SEXUALIDADE
- 03/10, 17/10, 31/10 e 21/11

CURSO: PRÁTICA LACANIANA

- Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 10:00 às 12:30
- 04/10, 18/10, 01/11, 22/11

CURSO: ENSINO DE LACAN

- Horário: mensal, sábados das 09:00 às 12:30
- Datas: 19/10

CURSO: GOZAR SEM LIMITES: QUAL A FUNÇÃO DO FANTASMA?

- Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 18 às 19h30
- Datas: 04/10, 18/10, 01/11

SEMINÁRIO DE PESQUISA

- Horário: Quinzenal, segundas-feiras das 20:30 às 22:00
- Datas: 14/10, 28/10, 11/11, 25/11

Cursos: RETORNO A FREUD

A INTERPRETAÇÃO DOS SONHOS

- Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 17h30 às 19h00
- Datas: 04/10, 18/10, 01/11 e 22/11

A CULTURA DA FELICIDADE E SEU MAL-ESTAR

- Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 18h30 às 20h00
- Datas: 10/10, 24/10, 14/11

UMA LEITURA DO CASO DORA

- Horário: Mensal, segundas-feiras das 20h00 às 21h30
- Datas: 21/10, 18/11

NÚCLEOS DE PESQUISA

Núcleos PSICANÁLISE E ARTE

- Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 08:30 às 10:00
- Datas: 10/10, 24/10; 7/11, 21/11

Núcleo APRESENTAÇÃO DE PACIENTES E PSICOSES

- Horário: Quinzenal, sextas-feiras das 14:00 às 15:30
- Datas: 04/10, 18/10, 01/11, 22/11

Núcleo A PRÁTICA LACANIANA NOS NOVOS TEMPOS E SUA TRANSMISSÃO

- Horário: Quinzenal, segundas-feiras das 20:30 às 22:00
- Datas: 07/10, 21/10, 04/11, 18/11, 02/12

Núcleo PSICANÁLISE, CORPO E MEDICINA

- Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 12:00 às 13:30
- Datas: 10/10, 24/10, 14/11 e 28/11

Núcleo PSICANÁLISE E TOXICOMANIA

- Horário: Quinzenal, quartas-feiras das 18:00 às 19:30
- Datas: 09/10, 23/10, 06/11 e 20/11

Núcleo PSICANÁLISE COM CRIANÇAS E ADOLESCENTES – Ciranda (São Paulo)

- Horário: Quinzenal, quintas-feiras das 11:30 às 13:00
- Datas: 03/10, 17/10, 28/11

Expediente:

Editor - Paula C. V. Caio de Carvalho (coordenação) - Equipe: Andressa C. Luz, Eduardo Vallejos, Fernanda Cristina Gomes de Carvalho, Francisco Durante e Silvana Sbravati

Conselho Editorial: Conselho Diretor do CLIN-a